

“Os bichos são homens e os homens são bichos”:  
leituras de *Bichos*, de Miguel Torga

**SARA REIS DA SILVA**

Universidade do Minho  
sara\_silva@iec.uminho.pt

Abstract

*Bichos* is one of the most relevant title of the literary work of Miguel Torga and some of the main themes that individualized his production can be read in this book. In a discourse characterized by the liveliness and the aesthetic contention, all these fourteen short stories deal with an animal or a human character and with topics like life/death, opposition/passivity or liberty/oppression. This brief study points out some specific features related to the thematic and discourse construction of these narratives, emphasizing their symbolic and allegoric connotations.

Keywords: Miguel Torga, *Bichos*, short story, humanism, animality.

Em 1965, num artigo comemorativo dos vinte e cinco anos da publicação de *Bichos*, escreve Ruben A. para o *Diário Popular*:

Faz vinte e cinco anos que Miguel Torga publicou *Bichos*. Os bichos cresceram, atingiram a maioridade, vestiram sobrepeliz de humanidade que só o tempo é capaz de dar, as histórias de bichos e as histórias de gentes confundem-se, sendo umas e unas ao mesmo tempo. O arrear está lá dentro, encosta-se à pele, arranha, veste-se catita para sair ao mundo nos passeios de Mago, na figura de Tenório. Os bichos são homens e os homens são bichos. O que está nesses contos é de arrasar um mortal [...].” (Rocha 2000: 115)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Conforme regista Clara Rocha, este artigo foi “integralmente cortado pela Censura”, acabando por vir a ser publicado no nº 37 da revista *Colóquio* (Rocha 2000: 115-116).



Dos cinco<sup>2</sup> volumes que compõem a produção contista de Miguel Torga – *Bichos* (1940), *Contos da Montanha* (1941), *Rua* (1942), *Novos Contos da Montanha* (1944) e *Pedras Lavradas* (1951) – *Bichos* é talvez a obra mais marcante e a que terá sido recebida com mais sucesso por um maior número de leitores<sup>3</sup>, um conjunto também muito diverso ao nível etário<sup>4</sup>. A coerência, a vivacidade e a eficácia da escrita literária torguiana, aliadas à originalidade e à construção exímia de personagens e, ainda, a densidade (des)humana que emoldura os textos do autor, surgem, nesta colectânea, testemunhadas de forma exemplar. Por estas razões – e naturalmente por outras que não cabem no espaço e no tempo desta breve abordagem – os contos de *Bichos* permanecem na memória de adultos que com eles contactaram ainda crianças ou que, por exemplo, pela arte dramática da companhia “O Bando”, já em 1990<sup>5</sup>, conviveram com estes animais com alma de Homem.

Inscrita numa longa tradição em que se inserem, por exemplo, não só a Sagrada Escritura (e episódios como a Arca de Noé e Jonas e a Baleia) e a fabulística tradicional, mas também alguns autores clássicos da Literatura Portuguesa – lembremos apenas Fialho de Almeida (1957-1911) e Aquilino Ribeiro (1885-1963) – ou, ainda, a escrita de preferencial recepção infanto-juvenil, universo em que as formas breves e a forte presença animal são elementos significativos, a colectânea *Bichos* é composta por catorze contos titulados de forma nominal e centrados, cada um deles, na ficcionalização das vivências mais profundas de uma figura, quase sempre pertencente ao mundo animal.

O título, económico e forte, reveste-se de um elevado valor semântico, convoca, desde logo, a categoria narrativa das personagens<sup>6</sup> e funciona como elemento fundamental do ponto de vista receptivo ou da orientação da leitura.

<sup>2</sup> Acrescente-se as edições, ainda assinadas sob o nome de Adolfo Rocha, de *Pão Azimo* (1931) e *A Terceira Voz* (1934).

<sup>3</sup> Note-se que, juntamente com a colectânea *Contos da Montanha*, *Bichos* é a obra mais traduzida de Miguel Torga.

<sup>4</sup> Importa recordar que, ao contrário do que se verifica actualmente, esta obra integrou, durante vários anos, os programas de ensino de Língua Portuguesa.

<sup>5</sup> A versão cénica a que nos referimos é da autoria de João Brites, com a colaboração de Cândido Ferreira e estreou a 3 de Agosto de 1990 nas ruas do Porto.

<sup>6</sup> Ainda que este título e a referência implícita a um tipo específico de personagens possa abrir caminho a uma leitura orientada por alguns pressupostos receptivos do âmbito da fabulística, a verdade é que, como salientam C. Reis e Ana C. M. Lopes, desta obra de Miguel Torga “difícilmente se dirá serem fábulas estritas: de facto, a presença de animais

O mesmo poderemos dizer do prefácio dirigido ao “Querido Leitor”. Na verdade, neste paratexto observa-se um registo que procura ser próximo do receptor e que, simultaneamente, parece querer celebrar um compromisso e uma cumplicidade entre as duas instâncias comunicativas, uma intimidade alicerçada na partilha de um mesmo espaço ficcional de fruição que os contos de *Bichos* possibilitam:

És, pois, dono como eu deste livro, e, ao cumprimentar-te à entrada dele, nem pretendo sugerir-te que o leias com a luz da imaginação acesa, nem atrair o teu olhar para a penumbra da sua simbologia. Isso não é comigo, porque nenhuma árvore explica os seus frutos, embora goste que lhos comam. Saudo-te apenas nesta alegria natural, contente por ter construído uma barcaça onde a nossa condição se encontrou [...]. (Torga 1990: 10-11)

Com efeito, neste prefácio, é fundamental o posicionamento afectivo que o autor desvenda relativamente à obra em apreço. Se, por um lado, se presente um discurso marcado pela humildade e por uma certa insegurança<sup>7</sup> relativamente à reacção do leitor, por outro lado, transparece uma evidente alegria suscitada pela comunhão e pelo convívio através da palavra literária com o Outro, uma forma de celebração de um profundo humanismo que, em boa verdade, encontra eco quer nos textos que enformam *Bichos*, quer em muitos outros que compõem o universo literário do autor.

É neste mesmo sentido que lemos também o prefácio da edição castelhana de *Bichos*, segmento registado no terceiro volume do *Diário* na data de 18 de Maio de 1944. Trata-se de um texto em que o autor se dirige afectivamente ao “Leitor de Espanha amigo”, detendo-se, antes de mais, na partilha de algumas das suas emoções e das suas razões relativamente ao país vizinho. À expressão aberta e límpida, que serve a sua auto-apresentação como “Filho Ocidental Ibéria...” (Torga 1995a: 242) ou a afirmação “Sou, pela graça da vida, peninsu-

é só por si insuficiente, por um lado, para determinar a existência da fábula; por outro lado, os relatos em questão definem-se antes, pela sua estrutura e economia interna, como contos.” (Reis e Lopes 1996: 159).

<sup>7</sup> Uma atitude autoral próxima da que mencionámos ressuma, em certa medida, do registo diarístico datado de Coimbra, 4 de Novembro de 1974, uma nota motivada pela emissão radiofónica do conto “Vicente”: “Emissão radiofónica de *Vicente*, conto dos *Bichos*. Meia hora de sofrimento e de perplexidade, a sentir o texto como que erguido contra mim, autónomo, poderoso na sua independência. Aquele corvo, que eu quis concebido à imagem e semelhança da minha rebeldia, de tal modo se ergueu contra o princípio da autoridade que, coerentemente, acabou por dizer não ao próprio autor.” (Torga 1995b: 1191).



lar.” (Id. *ibidem*: 242)<sup>8</sup>, contrapõem-se, porém, a insegurança e a ansiedade<sup>9</sup> relativamente à recepção da sua colectânea, aspectos espelhados, por exemplo, na interrogativa/interpelação directa: “O que dirás tu, irmão do outro lado da fronteira – [...] –, o que dirás tu destes familiares bichos portugueses, sem nenhuma história, sem nenhuma façanha, sem nenhum artifício?” (Id. *ibidem*: 243) e, ainda, de forma mais explícita nas palavras com que fecha o texto:

Não dúvida, leitor amigo, que estou comovido e inquieto diante de ti, e que temo o teu juízo, e que examino o teu rosto com apreensão. Mas não é porque eu não esteja de alma lavada a falar-te, e não te traga uma oferenda verdadeira. A emoção é apenas por te falar pela primeira vez; o medo de que não recebas bem as minhas criaturas, é porque sei que nem sempre o nosso espírito está disposto a olhar carinhosamente o quadro límpido duma criança a tirar um ninho. (Id. *ibidem*: 243)

O facto é que esta inquietação e este medo de que fala o autor são, na verdade, infundados, como prova a leitura dos textos que enformam a obra ou como comprovam todos os regressos que a ela efectuamos. Quer do ponto de vista estrutural, quer do ponto de vista discursivo, quer, ainda, no que às temáticas ficcionalizadas diz respeito, *Bichos* é uma obra singular que evidencia uma invulgar coerência e uma harmonia especial, na medida em que os seus textos compõem uma unidade, um macrotexto ou um verdadeiro hipersigno (Sequeira 1994: 98).

Para esta coerência temático-estrutural é determinante a apresentação e/ou a apreensão em termos humanos de diversos animais, aspecto matriz da quase totalidade das narrativas breves que integram a colectânea, que serve a tematização de alguns dos elementos axiais da identidade humana – o medo, a memória, a liberdade, o tempo, a vida, a morte ou a dor de existir –, substantivando, aliás, algumas das principais temáticas que perpassam a totalidade da obra do autor, como a crítica tem sinalizado<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> De referir que o iberismo é uma das mais assinaláveis isotopias da obra de Miguel Torga. Lembremos, a este propósito e a título meramente exemplificativo, a publicação de *Alguns Poemas Ibéricos* (1952) e *Poemas Ibéricos* (1965).

<sup>9</sup> Sentimentos que terão motivado, muito possivelmente, as diversas correcções e remodelações de que foi alvo a colectânea. Veja-se que a 5ª edição (1954) foi “refundida”, a 6ª edição (1961) foi “remodelada” e a 7ª edição (1970) foi “revista”.

<sup>10</sup> “Em *Bichos*, temos um mundo fictivo suspenso num espaço fatal e efémero que a Arca de Noé simboliza e que, semanticamente, intensionaliza as grandes temáticas da sua poesia [...]” (Sequeira 1994: 98)

Como sintetiza Teresa Rita Lopes,

É significativo que, dos catorze contos de *Bichos*, nove acabam com uma morte: “Nero”, “Madalena”, “Morgado”, “Bambo”, “Tenório”, “Cega-Rega”, “Ramiro”, “Miura”, “Senhor Nicolau”. Dos cinco outros, quatro são um hino à Vida: “Vicente”, “Farrusco”, “Ladino”, “Jesus”; e “Mago”, o gato de regaço, é a história exemplar duma degradação, a de um “proscrito” que trocou a liberdade pelo conforto. (Lopes 1993: 32)

A verdade é que, nestes contos de personagem, Torga elege um conjunto de animais insufla-lhes vida própria e, muito especialmente, uma alma, atribuindo-lhes traços humanos essenciais. Estas figuras repartem-se quer pelo universo doméstico, quer pelo espaço natural, relacionando-se, em qualquer dos casos e de formas diferentes, com os homens. Pelo filtro do antropomorfismo passam, assim, Nero, o cão, Mago, o gato, Morgado, o burro, Tenório, o galo – convivendo estes de muito perto com os humanos –, bem como Bambo, o sapo, o pintassilgo de “Jesus”, a Cega-rega, Ladino, o pardal, Farrusco, o Melro e Vicente, o corvo – animais que vivem em liberdade no seio da natureza. A este conjunto junta-se, ainda, Miura, o touro, animal indomável, apesar de “próximo” dos humanos<sup>11</sup>. De referir que, não raras vezes, como nos contos “Morgado”, “Bambo” e, de um modo mais subtil, “Mago”, esta proximidade com o ser humano é prejudicial. Cada um dos animais mencionados figura como personagem principal de um conto, representando a sua presença/protagonismo a integração no colectivo que o título estipula.

Além dos textos que possuem como heróis os animais, existem nesta “pequena arca de Noé” (Torga 1995a: 242) outros protagonizados por seres humanos cuja actuação parece, nalguns casos, desvanecer a sua “humanidade”, avolumando-se, em contrapartida, uma animalidade mais ou menos imediata, sempre surpreendente e, por vezes, até desconcertante. Referimo-nos aos contos “Madalena”, “Jesus”, “Ramiro” e “O Senhor Nicolau”, quatro histórias de seres humanos, ou melhor, de bichos-homens, que testemunham, enfim, o espanto que, em poucas palavras e em forma exclamativa, Miguel Torga deixa registado no V volume do *Diário*: “Este bicho humano é curioso!” (Torga 1995a: 517).

<sup>11</sup> Do ponto de vista intertextual, importa ler o conto “A Glória”, narrativa presente em *Pedras Lavradas* (1951), na medida em que, nesta, é central a perspectiva de um Toureiro. Ambos os textos – o que dá conta das emoções do touro Miura e o que revela as angústias do toureiro – são dominados por uma evidente tensão dramática.



O recurso ao monólogo interior relatado e a coexistência das vivências de animais e de pessoas possibilitam o entendimento tanto da ambivalência bicho-homem que pontua toda a obra, como da tragicidade que marca a grande maioria das vidas aí reunidas. Facilmente se percebe a fragilidade daquilo que separa a “humanidade” da “animalidade”, porque, na realidade, o autor dá a conhecer alguns animais que actuam como homens e alguns homens que actuam como animais ou porque, retomando as palavras de Ruben A. com que abrimos esta intervenção, as “histórias de bichos e as histórias de gentes confundem-se” (Rocha 2000). Mesmo o recurso a estratégias discursivas como o disfemismo, por exemplo, um dos traços mais marcantes não só ao nível da linguagem mas também das situações ficcionadas por Miguel Torga – pensemos apenas na violência e na crueldade com que agem algumas das suas personagens –, parece em muitos momentos revelar a intenção do autor de sublinhar o “lado de besta vivente” (Lopes 1993: 58) do Homem, aspecto reflectido também na própria atribuição aos animais de sentimentos e de características, em muitos casos, muito mais humanos do que os que atribui aos homens.

Com efeito, a configuração psicológica e a própria actuação de figuras como Nero, o cão, representante do cumprimento de uma missão que chegou ao fim e da dignidade na morte, como Morgado, o burro que perde a vida, vendo-se cruelmente abandonado aos lobos pelo dono<sup>12</sup> a quem sempre dedicou a sua força e o seu esforço, ou, ainda, como Bambo, o sapo detentor de uma rara sabedoria e uma capacidade admirável de contemplação do mundo, sugerem a humanidade destas figuras que vestem a roupa dos animais.

Em contrapartida, contos como o que se centra em Ramiro, o pastor solitário, dominado pelo silêncio que aprendeu com a Natureza, que recusa usar a linguagem<sup>13</sup> e que, simbolicamente, representa, por exemplo, a primitividade, também testemunhada no assassinio de um outro pastor, acontecimento reve-

<sup>12</sup> Como refere João Camilo dos Santos, “O facto de ser o próprio animal, ao adivinhar o comportamento cobarde do homem, a surpreender-se, confere um peso particular à acusação e à tese da desumanidade do ser humano. Os homens, afinal, por muito que se arroguem o orgulho da sua “superior” humanidade, comportam-se frequentemente como bichos que também são; e, até, muitas vezes, de maneira menos “humana” do que os animais, de uma maneira que repugna aos próprios animais.” (Santos 1997: 129).

<sup>13</sup> Aspecto que representa, em última instância, a recusa do humano. Este posicionamento pressente-se também, ainda que com contornos dissemelhantes, na personagem que domina o conto com o mesmo título “O Senhor Nicolau”. Esta figura solitária, alheada do contacto com os homens, vive rodeada dos seus insectos, que resgatou cruelmente à vida, e sempre muito próxima da morte.

lador do fatalismo que baliza, em muitos casos, a existência, ou o que narra a via sacra de Madalena, figura movida pelo desespero e pela ânsia sem limites de preservar a sua dignidade, deixam a ecoar a ideia de que existem homens que são mais bichos do que alguns animais.

O questionamento daquilo que podemos designar como a humanidade do humano passa também pela ficcionalização de linhas ideotemáticas como a liberdade individual, a insubmissão e a opressão, tópicos presentes em textos como “Mago”, o conto do gato que tragicamente não consegue libertar-se dos “braços balofos” da dona e que, com angústia, toma consciência da indignidade da sua existência inerte e passiva, “Miura”, conto dedicado a um touro, que, em contrapartida, representa a insubmissão, a luta pela liberdade individual e, de certo modo, o elogio da vida selvagem, ou, ainda, a narrativa protagonizada pelo rebelde e tenaz corvo Vicente, um dos textos mais significativos da colectânea, uma narrativa dominada, na íntegra, pelo conflito simbólico entre Criador-Criatura e que metaforiza a oposição ao poder<sup>14</sup> e a capacidade de lutar por uma vida desejada.

A vida, combatida, elogiada/celebrada (como em “Jesus”), ponderada (como em “Ladino”), inquieta (como em “Tenório”), apaziguada, desperdiçada ou até desprezada (como em “Senhor Nicolau”), é, na verdade, o tópico estruturante de todos os textos de *Bichos* e os encontros e os desencontros que nesta se celebram surgem aqui corporizados na galeria de personagens criadas por Miguel Torga.

Em poucas palavras, os contos de *Bichos* proporcionam, assim, o convívio, como esclarece o autor, com um conjunto de “criaturas de Deus” “terrenas e naturais”, “vivas e sensíveis como a gente desta banda de cá [Portugal], elas são feitas à imagem e semelhança da nossa humanidade atenuada e simples” (Torga 1995a: 243). Dotadas da capacidade de falar e com o dom da reflexão, estas criaturas agem e pensam, como sublinhámos, como os homens, sendo, deste modo, retirado a estes bichos a qualidade de seres meramente selvagens ou “contrários” aos homens. Réplicas do Homem, estes bichos inquietam e convidam a um reencontro com alguns dos aspectos perdidos da condição humana, questionando-os com subtilidade e, talvez, propondo delicadamente ao leitor a imitação, por exemplo, da capacidade de abertura ao Outro do sapo Bambo e do Tio Arruda. E estas parecem ser, na Literatura como na Vida, qualidades raras.

<sup>14</sup> Sobre este conto, veja-se o estudo intitulado “«Vicente» – duelo do criador com a criatura, com céu com a terra”, análise presente em Miguel Torga, *Ofícios a “Um Deus de Terra”*, de Teresa Rita Lopes (Lopes 1993: 16-26).



## Referências

- LOPES, Óscar  
1994 “Ladino”, in: AA.VV., *Aqui, neste Lugar e nesta Hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 241-246.
- LOPES, Teresa Rita  
1993 *Miguel Torga Ofícios a “um Deus de Terra”*. Porto: Edições Asa.
- REIS, Carlos & LOPES, Ana C. M.  
1996 *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina (5ª ed.).
- ROCHA, Clara  
2000 *Miguel Torga Fotobiografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote (prefácio de Manuel Alegre).
- SANTOS, João Camilo  
1997 “Homens e Bichos: a questão do “humano” em alguns contos de Miguel Torga”, in: FAGUNDES, Francisco Cota (selec., org. e apres.). “*Sou um homem de granito*”: *Miguel Torga e seu compromisso*. Lisboa: Edições Salamandra, 125-146.
- SEQUEIRA, Maria do Carmo C. B. V. de  
1994 “Essa estranha condição de poeta: *Bichos* de Miguel Torga”, in: AA.VV., *Aqui, neste Lugar e nesta Hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 97-106.
- SOLER, Elena Losada  
1994 “De *Bichos* y outros animales (en la literatura catalana)”, in: AA.VV., *Aqui, neste Lugar e nesta Hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 263-275.
- TORGA, Miguel  
1990 *Bichos*. Coimbra: Ed. do Autor (18ª ed.).  
1995a *Diário (I-VIII)*. Coimbra: Ed. do Autor.  
1995b *Diário (VIII-XVI)*. Coimbra: Ed. do Autor.